

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
NO 20.º ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DE TIMOR
EM COLABORAÇÃO COM A FUNDAÇÃO ORIENTE
27 de maio de 2022**

ROSAS DE ERMERA / 2017

de Luís Filipe Rocha

Realização e Guião: Luís Filipe Rocha / Produção: Luís Galvão Teles (Fado Filmes) / Direção de Fotografia: João Ribeiro / Montagem: António Perez Reina / Música: Manuel Rocha, Zeca Afonso / Som: Carlos Alberto Lopes, Olivier Blanc / Participações: João Afonso dos Santos, Maria das Dores Afonso dos Santos, Luís Filipe Rocha (não creditado) / Cópia: DCP, a cores e a preto e branco, falado em português / Duração: 130 minutos / Estreia Nacional: 11 de novembro de 2017, Coimbra, Lisboa, Porto / Primeira apresentação na Cinemateca.

Com a presença de Luís Filipe Rocha.

Podia começar este texto das mais diversas formas, mas aquela que, a meu ver, mais faz justiça às melhores qualidades deste filme leva-me a começar pelo fim, pela surpresa que esta obra encerra relativamente ao seu “falso protagonista”: Zeca Afonso. Ou seja, o primeiro mérito deste documentário assinado pelo veterano realizador português, Luís Filipe Rocha, radica no facto de esse vulto maior da cultura portuguesa ir sendo remetido para um papel quase terciário na história que é aqui narrada. À frente dele, em primeiro plano, estão os seus dois irmãos, João Afonso e Maria das Dores ou, como é carinhosamente apelidada, Mariazinha, e uma história que diz respeito não só à família de Zeca Afonso como, de maneira ainda mais significativa, a um capítulo praticamente desconhecido da história recente de Portugal. Aliás, na articulação entre a memória particular ou familiar e a história de um país, verifica-se como a investigação, que remonta aos anos 80, levada a cabo por Luís Filipe Rocha, teve o condão de reaproximar a família da sua própria história e, com isso, lançar luz sobre um episódio da “história histórica” que foi abafada por um manto de silêncio: “a ocupação da ilha [Timor] pelos japoneses e as consequências que daí resultaram para os habitantes (humilhações, violências, mortes, destruição) foram sujeitas a uma espécie de apagamento propositado”, narra João Afonso no seu livro *O último dos colonos: entre um e outro mar*.

O que se começa por revelar aqui é a história de uma cisão familiar, tendo como ponto de partida um paraíso perdido situado na antiga Lourenço Marques, atual Maputo, onde os irmãos viveram uma infância em total liberdade, brincando entre a Natureza na companhia de um parceiro de que nunca se separavam, que era uma espécie de “quarto irmão”: “Leão”, o cão da família. Depois deste episódio maravilhoso nas suas vidas, seguiram-se os tempos difíceis: João e Zeca vieram para Portugal, mais especificamente prosseguir os estudos em Coimbra, ao passo que Mariazinha acompanhou o pai e a mãe numa nova etapa das suas vidas, em Timor. O pai, acometido por um certo desejo de viajar, era um jurista que havia sido destacado para a comarca de Díli, numa altura em que as notícias de uma iminente Guerra Mundial eram recebidas como que vindas de uma realidade distante. Todavia, foi ali mesmo, nesse país de aranhas e ananases gigantes, onde se ouviam ribombantes tempestades de raios que metiam muito medo e onde estranhas cortinas de chuva irrompiam dos céus, que a Guerra se tornou uma realidade de todos os dias. É esse o principal assunto de **Rosas de Ermera**: o pesadelo perfumado de uma paisagem luxuriante tomada pelo medo (pela memória do medo), pela fome (pela memória da

fome) e pela destruição (pela memória da destruição) provocada pelas bombas, tanto dos invasores japoneses como, em resposta, das tropas aliadas.

A paisagem timorense é revisitada contemporaneamente por Mariazinha, a convite de Luís Filipe Rocha, não só para esta voltar a cheirar o perfume singular, e inesquecível, das rosas da localidade de Ermera como para despertar memórias adormecidas. A experiência do lugar – que ocupa a segunda metade do filme de maneira intensa – provoca uma sensação singular de se estar simultaneamente longe e perto. Em entrevista concedida ao *Diário de Notícias* («‘A solidão atravessa todos os meus filmes, é uma segunda pele nos momentos decisivos’», por Ana Sousa Dias, 3 de setembro de 2017), Luís Filipe Rocha contou como se terá limitado a convidar Mariazinha a fazer essa viagem de regresso às suas origens que, segundo esta, lhe ensinaram tudo o que é, tendo, inclusivamente, formulado um convite equivalente ao irmão, João, para o acompanhar num regresso a Maputo. Mariazinha aceitou de bom grado a proposta – como aliás conta logo no início do filme – ao passo que o irmão não acedeu ao desejo do cineasta. Tal facto talvez explique uma certa “dispersão” desta narrativa no sentido do seu afunilamento em Timor. E a verdade é que, através da viagem a este destino, Filipe Rocha desenterrou uma parte quase desconhecida da história portuguesa do século XX, nomeadamente ao permitir-nos imaginar a situação dramática por que passaram várias famílias portuguesas sob ocupação japonesa (a violência da ocupação foi de tal ordem que alguns portugueses prefeririam pôr termo às suas vidas a caírem nas mãos dos japoneses). Apesar da “neutralidade” portuguesa durante a Segunda Guerra Mundial, vários concidadãos vieram a ser colocados em “zonas de proteção”, leia-se, campos de concentração onde a comida era racionada e se cometeu uma lista infundável de abusos, nomeadamente contra as mulheres.

De Díli a Liquiçá, Mariazinha conta a sua história de sobrevivência na proximidade de cada lugar com uma vividez e emoção impressionantes. Na referida entrevista, notou Luís Filipe Rocha como era “tão minuciosa a memória da Mariazinha... Para ela foi muito emocionante, o que lhe deu até um suplemento de energia quando veio.” Registo, desta experiência de revivificação através do lugar e de uma viagem no tempo, a observação que faz Mariazinha uma vez regressada à casa onde passou os primeiros dias solitários da sua infância, habitando intensamente o sentimento de ausência dos queridos irmãos. Comovida, nota como o passado estava tão presente e, contudo, a consciência de que tudo aconteceu há muito, muito tempo não desapareceu. Esta ideia de copresença (sublinhe-se, neste filme, a palavra “presença”) entre o que está muito perto e o que está muito longe habita a paisagem – tanto a de Timor como a da memória destes irmãos –, sendo, intimamente, este o movimento universal da vida, ao desenhar um arco que começa na infância e termina na morte.

Com isso, **Rosas de Ermera** não é só o registo desse capítulo silenciado da nossa história coletiva, uma vez que também atesta, na pessoa de Mariazinha, acima de tudo, a universalidade do sentimento misterioso segundo o qual, por muitas voltas que dermos, será na infância que vamos parar quando quisermos, de facto, “enfrentar” as grandes questões: quem somos? O que fazemos neste mundo? O que deixamos para os outros? Qual a moral da nossa história, a que contamos e aquela que nos conta? Que outras viagens nos esperam para lá de nós mesmos, na presença de – ou de regresso a – um “Outro” qualquer?

Luís Mendonça